

A literatura mais rica com o teatro de Paulo Corrêa de Oliveira

GUIMARÃES ROCHA - poeta/escritor, Cadeira nº 4 da ASL

Arte de representar é um dos instrumentos apropriados à redenção social. Cumprir papéis é a nossa obrigação de cada dia, em nome das funções humanas de solidariedade. A busca do teatro é a mesma da literatura: expressar. Desde sempre, para nos fazermos entender, tivemos que teatralizar. E escrever. Tudo é literatura, tudo é teatro. Tudo é compreensão; e viver é compreender.

Expressar-se é essencial à vida. Então, escrever o expressado é vital para que novas expressões surjam e, portanto, novas compreensões: vida, enfim, sempre de novo. Teatro e literatura são artes irmãs no campo material, são artes que se unificam no mundo imaterial. O dramaturgo escritor Paulo Corrêa de Oliveira é artifice incomum do teatro e da literatura. Sua base é a região a que pertence Aquidauana (MS), cidade onde nasceu. Publicou, na década de 1990, uma coletânea de textos teatrais de escritores do Estado, incluindo três construções de sua autoria, retratando, desse modo, a expressão teatral regional.

Paulo Corrêa de Oliveira ocupa a Cadeira nº 15 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, anteriormente ocupada por Luís Sá Carvalho (em memória). Diretor de teatro, também arquiteto e professor universitário. Detém texto e direção das peças teatrais: “A Retirada da Laguna Revivida”; “Os Sete Últimos Dias da História”; “Quem Ouvir, Favor Avisar”; “De Um Povo Heroico, o Brado Kadiuéu”; “Era Uma Vez... Xerez”; “Um Certo Capitão Silvino Jacques”; “Divina MS Comédia”; “Tempo de



Paulo Corrêa de Oliveira

“Paulo Corrêa de Oliveira ocupa a Cadeira nº 15 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, anteriormente ocupada por Luís Sá Carvalho”

Taunay”; “Um Trem Para o Pantanal”; “Fronteridade”; “Cara e Coragem”; “Dom Quixote – A Peça”; “Terras Terena”; “O Afeto que se Encerra”; “Gran-Circo Centenário”; “Morte

Fogueira de vaidades

AMÉRICO CALHEIROS - Cadeira nº 7 da ASL

Quanto mais a pessoa fala que não tem, mais tem. É um ingrediente que é tão mais forte quanto mais invisível às vezes está. Falo daquele sentimento que viceja nas entranhas de muita gente, a vaidade, que determina comportamentos inexplicáveis à luz da normalidade. Os vaidosos não admitem que a terra e seus habitantes não girem senão em torno de suas glórias. Jamais pensam a ordem natural das coisas sem que eles sejam o princípio, o meio e, de preferência, o fim dessa ordem.

Nos dicionários, é possível conferir os significados dessa palavra, destacando o desejo imoderado de atrair admiração ou homenagens, presunção, coisa fútil ou insignificante, frivolidade, futilidade, tolice. Ter uma pequena dose de vaidade, não resta dúvida de que faz bem a todo ser humano. Ela é estimulante, porque leva as pessoas a se cuidarem, a se desafiarem no conhecimento, a ultrapassarem, às vezes, seus próprios limites. Entretanto, quando ela supera o limiar do aceitável, torna as pessoas pernósticas, mesquinhas, pequenas.

A religião católica traz grandes exemplos de homens e mulheres que se santificaram na passagem pela camada terrestre. Além de Jesus, o ícone maior da humildade, Francisco de

Assis emerge como uma figura que sintetiza o abandono de todas as vaidades humanas. São Francisco, que, literalmente, despiu-se de tudo que pudesse representar sinal de autoelevação, poder e vaidade, cresceu perante a espiritualidade e os homens por despojamento.

Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, Gandhi, Buda e outros tantos exemplos que podem ser encontrados na história humana são o extremo oposto da vaidade. Vaidade e poder, via de regra, costumam caminhar juntos. Entenda-se o poder em suas distintas dimensões do comando em geral, seja ele de cunho administrativo apenas (no alto mundo da iniciativa privada), de comando político ou, ainda, no mundo do show business, que congrega milhões de interesses e dólares. Diz um velho ditado: “Quer conhecer uma pessoa, dê-lhe poder”. E isso é uma incontestável verdade. Às vezes a pessoa assume um pequeno cargo e seu nariz empinado e sua postura de ostentação ficam maiores que o relevo de sua função, colocando-a em ridícula condição.

Não deve ser fácil harmonizar o exercício do poder, em suas distintas dimensões, com a necessidade imperiosa de quem é vaidoso de ser aplaudido, homenageado (até sem motivo) e bajulado intermitentemente por todos aqueles que estão sob o seu jugo. A vaidade cega extrapola limites, renega a crítica, destrói a capacidade de autocrítica, desconhe-

Kaiowá”; “Canivete 34-36”; “Mate e Vida Tereré”; “Cine Glória”; e “Alegria”. Desde a década de 80, as peças teatrais de Paulo Corrêa foram representadas por alunos do Centro de Educação Rural de Aquidauana, e também em Campo Grande e outras cidades de MS, recebendo reconhecimento e aplausos de milhares de espectadores.

O saudoso escritor historiador Hildebrando Campestrini, ex-ocupante da Cadeira 31 da ASL, registrou o seguinte, nos anais da Casa, sobre o teatrólogo Paulo Corrêa: “A linguagem de suas obras é agradável, leve, trazendo um espetáculo elevado, envolvente; linguagem densa, harmoniosa na relação fala/personagem/ambiente”.

O vocábulo “teatro” origina-se do grego “ver, enxergar”. Esse ver e enxergar do teatro significa muito mais que a interpretação comum. Aqui, o ver e enxergar constitui experiência total de atenção e percepção: viver, em síntese. Graças à percepção, podemos saber que tudo evolui; e a escrita e a teatralização acompanham a evolução do mundo.

Ainda com Campestrini: As obras de Paulo Corrêa “nascem da história e das tradições da terra sul-mato-grossense, através da recriação e universalização das personagens, dos conflitos e dos ideais”. Vemos, assim, que o dramaturgo trabalha com o fenômeno da atenção nos ditos real e imaginário, para identificar e ajudar a construir uma verdade, a realidade da nossa existência. Paulo Corrêa de Oliveira! Seu mundo de ilimitados sentimentos e ingentes reflexões é amigo do nosso esforço em nos situar e compreender a respeito de onde estamos e para onde vamos. Isso é garantia de vida.

ce tudo que não visto sob sua ótica, desdenha o conhecimento dos outros, anula as diferentes versões dos fatos e da vida. Conviver com a vaidade e os vaidosos é caminhar sob um fio de navalha. Não há espaço para a divergência no convívio com esse sentimento. Os vaidosos, a exemplo dos pavões, destacam as suas qualidades (penas) e escondem os seus defeitos (pés), esquecendo ou querendo esconder que de fato eles existem e são vistos. Na verdade, os vaidosos são os maiores inimigos de si próprios. Acossados pela incessante necessidade de serem incensados, os vaidosos vão ficando reféns de suas tolices, que, não raro, transformam-se numa infinita busca dos holofotes, da aprovação pública desmedida e do destaque, a qualquer preço, não dentre os outros, e sim sobre os outros.

Os vaidosos trilham um caminho sem volta, sem jamais conseguirem calçar as sandálias da humanidade (sic), não raro terminam se isolando, vendo inimigos em todos os lados e enfrentando a própria desilusão com as suas conquistas, porque tudo, como é natural, por maior que seja, tem limite, e um dia a casa cai. Se a expressão “fogueira de vaidades” é extremamente apropriada para designar o excesso dos excessos nesse campo, a vaidade também não deixa de ser apropriada para apontar o local onde os vaidosos podem transformar em cinzas as próprias futilidades: a fogueira.

Serviço Nacional da Bacia do Prata (SNBP)

AUGUSTO CÉSAR PROENÇA - Cadeira nº 28 da ASL

Pela Lei nº 5252, de 16 de fevereiro de 1943, para manter a navegação fluvial dos rios Paraná e Paraguai, o governo federal criou o Serviço Nacional da Bacia do Prata, entidade autárquica, mais tarde transformada em sociedade anônima, com sede e foro em Corumbá. Subordinado ao antigo Ministério de Viação e Obras Públicas e à Comissão de Marinha Mercante, o SNBP herdou o acervo flutuante e fixo do Lloyd Brasileiro.

Apesar de ter enfrentado muitas dificuldades financeiras e de ter tido a necessidade de receber do governo subvenções, para poder se manter e continuar atuando na hidrovia, a empresa estatal trouxe inúmeros benefícios para Corumbá e para a região pantaneira. Para Corumbá, quando transportava o minério de ferro e o manganês, e ainda cimento da Companhia de Cimento Portland Itaú. Para a pecuária pantaneira, quando utilizava os seus “boieiros” transportando gado em época de grandes enchentes, ou no desembarque ferroviário para os frigoríficos de Campo Grande e São Paulo, em conjugação com o terminal de Ladário. Cada “boieiro” transportava 300 reses em pé e possuía, a bordo, chuveiros para banhos de carrapaticidas ou de outra natureza.

O SNBP prestou também relevantes serviços à região agrícola de Cáceres, ao transportar cereais com fretes bem mais em conta que o cobrado por caminhões através das estradas de rodagem. Durante o tempo em que atuou na hidrovia Paraguai-Paraná, aproximadamente 50 anos, adquiriu várias embarcações modernas, como a Guarapuava e a Guairacá, construídas na Holanda, além de rebocadores, empurradores, barcaças tipo C, chatas M1 e N2, como também chatas N, e chatas petroleiras.

Dentro do espírito de conquistar novos mercados, o SNBP conseguiu, em 1973, fruto de um acordo com o Interventor da Flota Del Estado Argentino, transportar 15500 toneladas

de minério de ferro e 4300 toneladas de manganês. Ainda em 1973, segundo Auro Corrêa da Costa, diretor-presidente do SNBP/AS, durante a conferência realizada no dia 25/07/74, em Corumbá, a empresa transportou 6000 ton. de trigo e 14000 ton. de cimento, este último transportado pelas chatas Guatós e Parecis.

Prestou serviços à Comissão Mista Brasil-Bolívia, transportando trilhos e material ferroviário de Montevidéu a Corumbá. Aliás, para atender a demanda de produção da fábrica de cimento de Corumbá (Cimento Itaú de Corumbá S/A), mandou construir, na década de 70, um comboio integrado, composto de 12 chatas de 600 ton. de capacidade de carga e de 640 HP. Em 1974, 23000 ton. de minério de ferro e 2000 ton. de manganês. Em 1975, 37300 ton. de minério de ferro e 1000 ton. de manganês. Em 1992, através de um leilão ocorrido na Bolsa de Valores do RJ, o SNBP foi privatizado. Quem adquiriu o controle acionário da estatal foi a Companhia Interamericana de Navegação e Comércio (CINCO).

+POESIAS

Ao rei Zumbi

(Pelo Dia da Consciência Negra)

Faz-se verde e amarelo pelos ares
A negra liberdade dos Palmares!
Zumbe eterno, na terra onde eu nasci,
O canto de vitória de Zumbi!
Que jamais sua raça em dor se zangue,
Que só glórias se pintem com seu sangue...
Pois que Deus, numa prece inconsciente,
Também em sangue tinge o sol nascente!
Zumbi! Tu desfraldaste os ideais
Nos mais etéreos dos perenes mastros...
E a raça negra à Humanidade faz
Qual o negro infinito à Natureza:
O pálio negro é que dá vida aos astros,
Genes negros nos dão vida e beleza!

GERALDO RAMON PEREIRA

Entrega

Poesia, Poesia...
em teu espírito
entrego as minhas mãos...

[em tréguas
minhas razões,
minhas ações e negações].

Poesia,
que unificados em tua essência
renasçam os grãos
caídos entre espinhos...

RUBENIO MARCELO

Do esquecimento

o dia fora infeliz
o sol escaldante demorou a se pôr
não se viam pássaros,
as flores esturricadas eram...
meu deus, queria não estar ali!
todos pareciam tão felizes!
não me lembrei de bem
que me tivesse visitado.
acabrunhava-me sentir-me assim
tão dolorido, tão pequeno, tão nada.
alonguei o olhar e avistei o ocaso, enfim.
achei melhor esquecer aquele dia.

ANA MARIA BERNADELLI

Inconsequências

Nossas inconsequências
Acendem lavas sanguíneas
Desabilitam os ponteiros
Desprotegidos no tempo
Entrincheirados na espera
Nossas inconsequências
Descaminham a sanidade
De mentes acuadas
Cânticos destroçados
Notas dissonantes
Nossas inconsequências
Procuram a reparação
De culpas incrédulas
Lágrimas que esperam
A luz no fim do túnel

MARCOS ESTEVÃO

Desilusão

ARGUS CIRINO (1939-1997) - pertenceu à ASL

De repente, o ideal dos meus sonhos esmaeceu.
Foi como a tempestade negra, que rouba, à primavera, o brilho do sol.
Foi como a rapidez com que seca o orvalho das folhas das roseiras que a musca dos meus sonhos arrebitou as cordas da sua lira.
Foi como o silêncio da noite, que invade as tardes, que o amor dos meus amores fugiu no seu corcel alado sem dizer adeus.
Foi como o sibilo estridente do vento despindo as árvores que a cotovia da minha alma cantou pela última vez.
De repente, o ideal dos meus sonhos se apagou. Foi como a lâmpada de azeite, que extinguiu a chama no derradeiro estertor da morte...